

Exílio e presença Bibliotecando 2022

Exílio é uma ideia que entrou muito cedo na minha vida. Não a palavra exílio, que não era dita, mas a noção de afastamento imposto, punição irremediável e injusta. Chamava-se Adalberto Gastão de Sousa Dias, o meu bisavô paterno que morreu no exílio em Cabo Verde e cuja ausência foi - ainda é - uma presença constante na minha vida.

Republicano, nascido em 1865, viveu o triunfo e depois a derrota das suas ideias. Nos tempos da I República, foi deputado mas recusou sempre ser ministro, defendia que um militar não deve ocupar lugares de poder. O 28 de Maio de 1926 foi um golpe tremendo na sua vida quando quando era já general.

Logo no ano seguinte encabeçou a Revolta do Porto, derrotada por falta de apoio e coordenação de outras unidades militares que se tinham comprometido na conspiração. Aí começou o exílio. Foi desterrado para S. Tomé, depois para os Açores e a Madeira, onde em 1931 voltou a encabeçar uma revolta, novamente derrotada por falta de comparência de outros revoltosos no resto do país. Ainda assim, a Madeira teve, durante um mês, um governo revolucionário, uma situação espetacular que convocou a intermediação estrangeira, nomeadamente britânica, e a intervenção de praticamente toda a Armada portuguesa.

O general foi expulso do Exército, perdeu todos os direitos políticos e só não foi deportado para Timor porque o comandante do navio que transportava outros presos políticos se recusou a embarcar oficiais generais, disse que não tinha condições decentes a bordo. Foi enviado para Cabo Verde, depois para São Nicolau e mais tarde para São Vicente onde, doente, frágil e desiludido, morreu em 27 de Abril de 1934. Sempre republicano convicto. Não era um jovem azougado, desejoso de aventura, era um general de cabelos e bigodes grisalhos e é assim que o vejo em todas as fotografias, magríssimo.

Dele se contavam na família, guardados o devido respeito e muita ternura, histórias delirantes de distração: como saiu uma vez fardado mas com o barrete de dormir na cabeça; como ao sair de casa de amigos disse a frase “peço desculpa pelo fraco almoço” que usava quando anfitrião. Mas havia o interdito, aquilo de que não se falava: o exílio, resultado da escolha política, da insubmissão. A geração dos netos dele - o meu pai e os meus tios - viveu no temor da ditadura, e o meu avô manteve-se sempre na Oposição.

Para mim, participar em iniciativas como esta que nos junta aqui hoje é como dar aulas: obriga-me a organizar ideias, procurar mais informação e,

portanto, ficar com mais perguntas. Exílio e presença, o que ou eu dizer sobre isto? Fiquei, como sempre, aflita a remoer no assunto, até que vi o óbvio: que tinha de trazer o bisavô a Tomar porque, mesmo sem nunca o ter conhecido, ele moldou muito do que me tornei. Fui reler alguns livros que sobre ele estão publicados - uma recolha de documentos de A.A. Oliveira Marques, feita com a colaboração do meu avô, e uma biografia escrita por um militar de Abril, Augusto Monteiro Valente.

Estamos na viragem dos 48 anos, a cada dia temos mais tempo de liberdade que de ditadura. O meu bisavô viveu até aos 45 na esperança do fim da monarquia e conspirou ativamente para derrubá-la. Teve 16 anos de uma República jovem, agitada, aguerrida, confusa. Nos sete curtos - ou longuíssimos e penosos - anos de exílio, não deixou de manter a esperança no fim da ditadura, constantemente a trocar correspondência com republicanos - os deportados e os que se organizaram sobretudo na Liga de Paris, como Afonso Costa ou Bernardino Machado. Elaborou extensas propostas para a reorganização do universo militar e da própria estrutura política do país. Escreveu apelos à unidade dos democratas, quando muitos já tinham desistido ou aderido ao regime. As cartas que conseguiu fazer chegar ao filho clandestinamente têm tudo isso e muito mais. Em especial Delas resumam as saudades da família, a quem deixou, como diz numa delas, nenhuma riqueza mas um nome respeitado e uma vida de dignidade.

O que é que o levou a ser este homem íntegro e leal às suas convicções ao ponto de lhe destroçar a vida familiar e a brilhante carreira militar? Que impulso o movia e sustentava?

Recentemente li um livro do neurologista francês Boris Cyrulnik sobre a vida de Chérif Mézeri, o primeiro governador civil muçulmano em França, que desobedeceu às ordens dos alemães em plena Ocupação nazi. Também o autor, bem conhecido por ter definido o conceito de “resiliência” e com vasta obra publicada, se questiona sobre o que moveu este homem de origem argelina, companheiro de Jean Moulin. Compara o seu percurso ao de Maurice Papon, que serviu com competência todos os regimes por que passou. Por que é que um não obedeceu às ordens que contrariavam as suas convicções e o outro levou à perfeição a missão de cumprir as ordens da hierarquia? Por paradoxal que pareça hoje - ou então, porque a vida é mesmo assim - Chérif Mézeri teve de defender-se de acusações injustas de colaboracionista, ganhando anos nessa reabilitação, e Papon, o fiel servidor, teve uma vida sem sobressaltos.

Acabo de ler outro livro, tão recente que neste momento a autora está em Lisboa a apresentá-lo: “Anette, Epopeia de uma Heroína”, da alemã Anne Weber. Conta a história de uma mulher que entrou para a Resistência com 16 anos, salvou vidas, cumpriu centenas de missões perigosas e sem

visibilidade - porque a visibilidade era o risco total - , e que não recebeu nenhuma benesse quando a Guerra terminou. Tornou-se médica, casou-se, teve filhos e, quando tudo parecia tranquilo e feliz, envolveu-se na luta pela independência da Argélia, onde se exilou, deixando de pernas para o ar a vida pacífica de investigadora e a tranquilidade da família.

Claro que existem milhares de livros sobre estes temas e só cito estes dois porque estão bem frescos na minha memória recente. Exílio e presença. Gente inquieta que não se deixa arrumar num sossego conformado.

Acontece que houve um dia, em 1973, em que eu parti, a salto como se dizia na altura, atravessando por terras altas e uma ponte suspensa a linha imaginária da fronteira com o meu então marido, que tinha desertado do Exército para não combater na guerra colonial. Sem levar nada, que qualquer bagagem seria motivo de suspeita. Corrijo: levava muito na bagagem mas era uma coisa mental. Partir sem saber quando se regressa, sem saber se se regressa, sabendo que é preciso que uma mudança radical permita o regresso sem medo.

Quarenta anos exatos após a morte do meu bisavô, telefonei de Bruxelas para a casa dos meus pais e recebi um recado do meu avô, o filho do general. Ele não conseguia falar, estava demasiado emocionado: “Volta para Portugal, vem viver para a minha casa”. O dia que ele esperava desde 1926 tinha chegado. O resto são 48 anos de liberdade.

Ana Sousa Dias
Tomar, maio de 2022